

## editorial

Desde muito tempo, as feministas lutam por salário igual para trabalho igual. De cada cem mulheres que trabalham, 40 estão em situação desfavorável, por falta de carteira assinada, remuneração baixa, condições de trabalho precárias e falta de proteção social.

Entre os pobres, as mulheres continuam mais pobres do que os homens. Entre as mulheres, as mulheres negras são as mais pobres. Essas diferenças são sempre tratadas quando as feministas analisam a posição das mulheres no mundo do trabalho.

A Marcha Mundial das Mulheres, que é uma articulação feminista internacional de luta contra a pobreza e a violência, vem há tempos voltando-se para os temas econômicos, por entender que é uma área que as feministas precisam olhar e entender cada vez mais. Foi por isso, e por saber que só uma mudança geral nos rumos da economia mudará a vida das mulheres, que foi lançada a campanha de valorização do Salário Mínimo.

Desde 2002 as feministas da Marcha introduziram esse tema em suas ações: debates com as mulheres nos bairros, nas zonas rurais, nos sindicatos, ações de rua com coleta de assinaturas, envio de cartas à Presidência da República.

A campanha está na rua e precisa ser colocada em pauta em todos os momentos.

*As Sempre vivas*

Reprodução



**Proposta de dobrar o valor real em quatro anos tem importância estratégica para as mulheres, que são as principais atingidas pela política que define o Salário Mínimo no Brasil**

## Aumentar o valor do mínimo e mudar os rumos do Brasil

*Por Marcha Mundial das Mulheres*

Dobrar o valor real do Salário Mínimo em quatro anos é a meta da campanha que a Marcha Mundial das Mulheres vem construindo no Brasil desde 2002. Viável e necessária para incorporar milhões de pessoas à vida econômica brasileira e melhorar os rendimentos da população feminina, a proposta exige um aumento real de 19% ao ano, além da reposição das perdas inflacionárias. Isso significa defender um rumo bem diferente para a política econômica.

A proposta de dobrar o valor real em quatro anos tem importância estratégica para as mulheres, que são as principais atingidas pela política que define o Salário Mínimo no Brasil. Quase a totalidade das que trabalham e recebem é man-

tida na faixa de um a três salários. Apenas 9,6% das empregadas tiveram rendimentos superiores em 2003. Ao fixar o valor do mínimo, o país está definindo que participação as mulheres terão na economia brasileira. E as mulheres devem interferir nessa decisão.

A nova agenda feminista da Marcha Mundial das Mulheres defende dobrar o valor do mínimo em quatro anos, como estratégia para enfrentar a pobreza entre as mulheres e principalmente entre as que estão em condições mais precárias.

A campanha de valorização do Salário Mínimo tem sido espalhada pelo país por meio das ativistas feministas que levam o debate para seus grupos de discussão, entidades de representação e

outros movimentos. Para preparar nossa intervenção nos debates que surgirão - o governo federal propôs iniciar esse tema bem antes de abril de 2005 - foi encomendado novo texto, preparado pela economista e presidente da SOF, Marilane Teixeira, e pela jornalista Rita Freire. O texto integral será disponibilizado em [www.sof.org.br](http://www.sof.org.br)

### Números do mínimo

Quase toda população em idade ativa (PIA) participa da produção das riquezas que o Brasil calcula anualmente através do PIB. São mulheres e homens que contribuem para o país de diferentes formas, ou já contribuíram. Em 2003, eram 142.980 milhões de pessoas, incluindo aquelas com mais de dez anos que ainda estão apenas estudando, dependendo economicamente de suas famílias, e aquelas que já produziram, estando aposentadas ou não.

Nessa imensa participação coletiva, as mulheres são a maioria. Constituem 52% da população em idade ativa, ou 73.899 milhões de brasileiras. Inseridas no mercado de trabalho, trabalhando em casa ou acumulando ambas as condições, pela dupla jornada, as brasileiras jovens e adultas contribuíram majoritariamente para que o Brasil acusasse um PIB de R\$ 1 trilhão 514 bilhões no ano passado. Mas o retorno das riquezas à população feminina, através da remuneração pelo trabalho, não se deu na mesma medida.

Mais do que um cálculo para equilibrar o caixa da Previdência Social ou garantir excedentes que o Brasil usa para atender a compromissos externos, o valor do mínimo determina quantas pessoas estarão dentro ou fora do mercado de consumo, quantas terão acesso limitado aos produtos básicos de subsistência, e que parcela terá de fato algum poder econômico, por menor que seja.

Um aumento real terá impacto sobre a atividade econômica e sobre a própria arrecadação do governo. Do total de pessoas

Ilustrações: Biba Rigo



As brasileiras contribuíram majoritariamente para que o Brasil acusasse um PIB de R\$ 1 trilhão 514 bilhões no ano passado, mas a remuneração não se deu na mesma medida

ocupadas em 2003, 53,6% não contribuíam para o Instituto da Previdência, ou seja 42 milhões e 500 mil pessoas.

Um Salário Mínimo maior ampliará a parcela dos contribuintes. Mas o impacto mais evidente será o aumento do consumo interno. Um maior poder de compra produziria demandas imediatas por uma série de bens de consumo da população. Isto também significaria uma inversão de prioridades: consumo interno em vez das exportações.

### Até dois salários mínimos

Em 2003, havia no Brasil 79 milhões e 250 mil pessoas ocupadas. De todas elas, nada menos que 53,8% ganhavam até dois salários mínimos, num total de 42.590 milhões. As mulheres são a maioria deste contingente. Das brasileiras que trabalham e recebem, 57,9% vivem com até dois salários mínimos, sendo 32,5% com até um. Entre os homens o percentual é de 50,8% para aqueles que recebem até dois salários mínimos e de 24,4% até um salário mínimo. Ou seja: para cada 100 mulheres ocupadas em 2003, quase 33 recebiam até um salário mínimo, enquanto que para cada 100 homens ocupados 25

cebiam até um mínimo.

Estes dados mostram que a maioria da população feminina com algum pagamento pelo trabalho está submetida aos patamares mais baixos da distribuição de renda nacional, o que se agrava em algumas regiões do país. Das 11.600 milhões mulheres que recebiam até um salário mínimo em 2003, 38% residem na região nordeste.

### O risco de andar para trás

Este ano, o governo federal incluiu na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2005 a proposta de atrelar o aumento do mínimo à variação do PIB (Produto Interno Bruto) per capita. Essa decisão pode representar um retrocesso em relação às propostas que vêm sendo construídas na sociedade.

Se o crescimento econômico anual der em torno de 3% a 4%, por exemplo, o aumento real do Salário Mínimo, pelo mecanismo proposto, não ultrapassará os 10% nos próximos quatro anos. É uma expectativa que conflita com a promessa anterior do governo, de dobrar o Salário Mínimo no período de 2003 a 2006. E que pode demandar décadas para que essa recuperação aconteça.

## Uma ferramenta feminista em construção

A construção da *Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade* da Marcha Mundial das Mulheres é um processo que envolve grupos de todo o mundo e no qual construímos uma visão política comum, uma identidade que já se expressa nas nossas ações e na nossa vontade de transformar o mundo.

A *Carta* será o instrumento político das ações internacionais programadas pela Marcha para 2005. Será a afirmação de nosso feminismo, radical e comprometido com as mudanças necessárias para acabar com o machismo e a discriminação. Com a *Carta* e a “marcha de revezamento” que será realizada a Marcha Mundial das Mulheres pretende percorrer o planeta, demonstrando sua capacidade de organização e a importância das ações no período de 8 de março a 17 de outubro.

As coordenações nacionais da Marcha Mundial das Mulheres receberam a segunda versão da *Carta* para uma última rodada de comentários e sugestões. No Brasil não será realizada reunião antes de janeiro de 2005. Por isso, as ativistas da Marcha, em seus locais de atuação e regiões, discutirão o texto e enviarão

suas considerações para que uma reunião da secretaria executiva ampliada aprove as contribuições brasileiras.

O texto final da *Carta* será aprovado no Quinto Encontro Internacional da Marcha, que acontecerá de 5 a 12 de dezembro em Kigali, Ruanda, na região dos Grandes Lagos africanos. A próxima reunião da coordenação nacional ampliada da Marcha será em Porto Alegre (RS), nos dias 24 e 25 de janeiro de 2005, na véspera do Fórum Social Mundial. Até lá estaremos funcionando com reuniões da Secretaria Executiva.

### Um 8 de março inesquecível

Dia 8 de março de 2005, mulheres de todo o Brasil vão pintar de lilás as ruas da maior cidade da América do Sul. Espera-se a maior manifestação de rua da história do Dia Internacional da Mulher no país, buscando congrega a pluralidade que nos caracteriza. Mulheres de todas as cores, religiões, idades, áreas de militância serão esperadas para escrever essa página na história da luta das mulheres brasileiras.

Para dar conta dessa diversidade, além de abarcar o tamanho do nosso

Brasil no rosto de cada mulher e no todo da manifestação, organizaremos um ato de rua, dialogando com as mulheres que, todos os dias, transitam pelas ruas de São Paulo, e recorrendo a símbolos que nos são caros na afirmação da importância do feminismo como elemento transformador da realidade; o papel que ele cumpriu até agora e tudo o que temos ainda para conquistar.

Vamos lançar a *Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade* em um ato internacional que deverá contar com a presença de pelo menos 30 mil mulheres. A *Carta* sairá de São Paulo e terminará sua viagem no dia 17 de outubro de 2005 em Ouagadougou, Burkina Faso, um dos países mais pobres do mundo.

A viagem da *Carta* terá paradas em mais de 50 países, em grandes cidades, nas áreas rurais, em regiões de fronteiras. Nas Américas terá pontos de parada no Brasil, na região de fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai, na Argentina, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Trinidad Tobago, Haiti, Cuba, Honduras, El Salvador, México, Estados Unidos, Canadá e Québec.

### Ofensiva contra a Mercantilização

No dia de ação internacional da Marcha contra a pobreza, jovens e adultas de São Paulo realizaram atividades nos dias 16 e 17 de outubro, que culminaram com uma irreverente ação na avenida Paulista. As feministas foram para a principal avenida da capital paulistana e “subverteram” três outdoors que expressavam justamente a opressão do mercado e da mídia sobre os corpos das mulheres. “De escrava do lar a escrava do corpo” foi a frase colocada sobre um outdoor de uma rede de academia de ginástica. Nos outros dois foram colocadas as frases “Somos mulheres não mercadorias” e “o capitalismo avança e o machismo abunda”. Em alguns momentos foi preciso gritar e forçar nossa ação, pois sempre há machistas de plantão, mas saímos vitoriosas.

A ação das paulistanas faz parte da ofensiva contra a mercantilização proposta pelas jovens na Marcha. Ao contrário de uma campanha que tem uma reivindicação específica e um período definido de duração, a ofensiva é um processo de acumulação de forças e construção de ferramentas de luta. Queremos colocar na rua o debate feminista contra a ordem capitalista e patriarcal e criar formas de ação criativas e radicais.

As ações da ofensiva devem culminar numa manifestação nacional em São Paulo, no dia 8 de março, quando serão lançadas as ações mundiais da Marcha em 2005. No ano que vem, marchas e protestos organizados pelas mulheres vão percorrer os cinco continentes até o dia 17 de outubro, quando todos os grupos do mundo organizarão uma hora de ação local das 12 às 13, completando 24 horas de ação feminista.



Anderson Barbosa

17 de outubro: feministas da marcha "subvertem" outdoor na Avenida Paulista



## Documentário aborda história do movimento lésbico



Divulgação

As "Lésbicas no Brasil" apresenta vasto material com imagens de várias épocas

"Lésbicas no Brasil", de Maria Angélica Lemos, é um vídeo-documentário de 45 minutos de duração, que percorre a história do movimento lésbico, desde o início dos anos 1980 até meados de 2004, resgatando partes da existência do movimento no Brasil.

Apresenta vasto material videográfico relacionado às mulheres lésbicas, um acervo significativo com imagens gravadas em várias épocas e em diferentes

cidades, com maior ênfase em São Paulo e Rio de Janeiro. Mostra encontros de mulheres lésbicas, encontros feministas, reuniões, paradas e diferentes tipos de manifestações sociais com a participação de lésbicas, entrevistas, depoimentos, festas, seminários etc. O trabalho recobra momentos importantes das vivências, das ações lésbicas, dando destaque à atuação de grupos organizados de lésbicas, recuperando e organizando partes importantes da memória desse segmento social.

Trata-se de um documento histórico das lésbicas em nosso país desde quando aparecem as primeiras organizações. Bem humorado, com trilha sonora primorosa, contém diversos depoimentos sobre os aspectos mais diversos da questão lésbica no Brasil.

Produzido pela COMULHER - Comunicação Mulher, as cópias podem ser solicitadas pelo email [comulher@uol.com.br](mailto:comulher@uol.com.br) e as mesmas custarão R\$ 20,00.

## o que rola

### Dia Internacional da Não-Violência

O dia 25 de novembro foi declarado Dia Internacional da Não-Violência contra as Mulheres, no 1º Encontro Feminista da América Latina e Caribe, realizado na cidade de Bogotá em 1981. É uma justa homenagem a "Las Mariposas", codinome utilizado em atividades clandestinas pelas irmãs Mirabal, heroínas que ousaram se opor à ditadura de Rafael Leónidas Trujillo, na República Dominicana, uma das mais violentas da América Latina. Minerva, Pátria e Maria Tereza foram brutalmente assassinadas em 25 de novembro de 1960. Em 1999, a Assembléia Geral da ONU proclamou o dia 25 de Novembro como Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres.

### Abertas as inscrições de cultura do FSM

As inscrições de atividades artísticas e culturais para o Fórum Social Mundial 2005 já estão abertas. Podem ser inscritas propostas nos segmentos de artes plásticas, atividades interativas, audiovisual, celebração, festas, manifestações, circo, dança, performances, teatro, poesia e narrativa, shows musicais, memória e qualquer outra forma de expressão.

Os contatos com a produção cultural do FSM 2005 podem ser feitos pelo e-mail [cultura@fsm2005.softwarelivre.org](mailto:cultura@fsm2005.softwarelivre.org). Informações pelo telefone (51) 3227-8622.

#### CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otilia Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da Fundação Heinrich Böll.

#### EQUIPE EDITORIAL

**Diretora Responsável:** Nalu Faria  
**Editora:** Fernanda Estima (Mtb 25.075)  
**Projeto Gráfico:** Alexandre Bessa  
**Diagramação:** Márcia Helena Ramos  
**Fotolito:** SB Editora  
**Impressão:** RWC Artes Gráficas  
**Tiragem:** 1.500 exemplares  
**Número avulso:** R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

**Assinatura anual (10 números):** R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros  
 05417-080 - São Paulo / SP  
 Tel/fax: 3819-3876  
 Correio Eletrônico: [sof@sof.org.br](mailto:sof@sof.org.br)  
 Página na internet:  
<http://www.sof.org.br>

## próximos números

- FEMINISMO NO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL
- DESAFIOS PARA O MOVIMENTO DE MULHERES